



ORIGINAL
ORIGINAL

Editora

Paula Gorenstein Dedecca

Conflito de interesses

As autoras declaram que não há conflito de interesses.

Recebido

17 ago. 2025

Versão Final

20 jan. 2026

Aprovado

29 jan. 2026

A permanência do Moderno em Álvaro Siza: entre memória, contexto e transformação (1950–2020)

The Permanence of the Modern in Álvaro Siza: between memory, context, and transformation (1950–2020)

Vanessa **De Conto**^{1,2} , Ana Elisa **Souto**^{2,3} 

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Porto Alegre, RS, Brasil.

² Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Arquitetura e Urbanismo. Cachoeira do Sul, RS, Brasil.

³ Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo. Santa Maria, RS, Brasil. Correspondência para: A. E. SOUTO. E-mail: anaearq@gmail.com

Artigo elaborado a partir da dissertação de V. DE CONTO, intitulada “A influência do lugar na obra de Álvaro Siza”. Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

Como citar este artigo/How to cite this article: De Conto, V.; Souto, A. E. A permanência do Moderno em Álvaro Siza: entre memória, contexto e transformação (1950–2020). *Oculum Ensaios*, v. 23, e2616839, 2026. Doi: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v23e2026a16839>.

Resumo

O artigo investiga a permanência crítica dos fundamentos do Movimento Moderno na obra de Álvaro Siza (1933–), entre 1950 e 2020, por meio de uma leitura teórico-crítica articulada à contextualização histórica e cultural da arquitetura portuguesa. Este estudo visa examinar de que modo Álvaro Siza mobiliza, seleciona e reinterpreta estratégias projetuais associadas ao Movimento Moderno ao longo de um processo contínuo, marcado por revisões, inflexões e transformações, no qual se articulam memória, materialidade e contexto cultural, a partir de uma organização cronológica e de uma leitura crítica não linear. Metodologicamente, o estudo combina revisão bibliográfica, análise documental e de projetos representativos. Os resultados indicam que a permanência do moderno na obra de Álvaro Siza não se configura como atitude nostálgica ou passiva, mas como postura disciplinar consciente, fundada na atualização de procedimentos projetuais diante das transformações históricas, culturais e técnicas. Ao evidenciar a modernidade como processo e não como imagem, o artigo contribui para o debate contemporâneo sobre continuidade, projeto e cultura arquitetônica, reafirmando a arquitetura como mediação entre memória, contexto e transformação.

Palavras-chave: Álvaro Siza. Lugar. Movimento moderno. Permanência crítica. Processo de projeto.

Abstract

This article investigates the critical persistence of the foundations of the Modern Movement in the work of Álvaro Siza (1933–) between 1950 and 2020, through a theoretical-critical approach articulated with the historical and cultural contextualization of Portuguese architecture. The aim

is to examine how Siza mobilizes, selects, and reinterprets design strategies associated with the Modern Movement within a continuous process marked by revisions, inflections, and transformations, in which memory, materiality, and cultural context are interwoven, based on a chronological organization combined with a non-linear critical reading. Methodologically, the study combines a literature review with documentary research and the analysis of representative projects. The results indicate that the persistence of the modern in Siza's work does not constitute a nostalgic or passive attitude, but rather a conscious disciplinary stance, grounded in the updating of design procedures in response to historical, cultural, and technical transformations. By emphasizing modernity as a process rather than an image, the article contributes to contemporary debates on continuity, architectural design, and architectural culture, reaffirming architecture as a mediation between memory, context, and transformation.

Keywords: Álvaro Siza. Place. Modern movement. Critical permanence. Design process.

Introdução

Este estudo resulta de uma pesquisa de mestrado, dedicada ao entendimento da permanência crítica dos preceitos da Arquitetura Moderna na trajetória de Álvaro Siza (1933–), com ênfase na revalorização dos territórios. O trabalho investiga como essa permanência se manifesta no decorrer de sua prática projetual, articulada à transformação da linguagem arquitetônica e às condições históricas e socioeconômicas de Portugal. A abordagem adotada é teórico-crítica, apoiada na análise de obras emblemáticas e no diálogo com autores como Figueira (2005, 2016, 2017, 2018, 2020), Frampton (1995, 2000, 2008, 2015), Moneo (2008), e Tostões (2004), entre outros, citados no decorrer do trabalho. Nesse sentido, a dissertação constitui o recorte conceitual e o *corpus* analítico, retomados e ampliados.

O objetivo geral é examinar, a partir de uma organização cronológica e de uma leitura crítica não linear, como Álvaro Siza mobiliza, seleciona e reinterpreta estratégias projetuais modernas ao longo de um processo contínuo, marcado por revisões, inflexões e transformações, no qual se articulam memória, materialidade e contexto cultural. A análise fundamenta-se no estudo de obras emblemáticas e no diálogo com diferentes conjunturas políticas, urbanas e disciplinares, buscando demonstrar como sua arquitetura ressignifica princípios modernos, não como herança formal estática, mas como campo operativo, evitando leituras reducionistas que associam o Movimento Moderno a uma lógica de desenraizamento. Para tanto, o estudo organiza-se em três eixos: 1) contextualização histórica e cultural de Portugal e sua arquitetura no século XX; 2) apresentação de marcos projetuais que evidenciam inflexões no percurso do arquiteto, estruturados por décadas; e 3) síntese conclusiva sobre a permanência do moderno como categoria crítica diante das transformações contemporâneas.

A metodologia baseia-se em análise documental e bibliográfica, com enfoque analítico-interpretativo. O *corpus* abrange projetos paradigmáticos do arquiteto, no período de 1950 a 2020, selecionados por sua relevância histórica, diversidade tipológica e impacto crítico, permitindo observar variações e permanências ao longo do tempo. O artigo não pretende esgotar a complexidade de sua produção, mas propor um percurso interpretativo que contribua para o debate acerca das interações entre modernidade e contemporaneidade na arquitetura.

Ao contrário de leituras consolidadas que situam Álvaro Siza predominantemente sob o prisma do regionalismo crítico, notadamente aquelas formuladas por Frampton (1995, 2015), bem como de interpretações que o enquadram como herdeiro direto de linhagens modernas específicas, como em Moneo (2008) e Tostões (2004), este estudo adota a noção de permanência crítica do moderno como chave interpretativa. Tal perspectiva desloca o debate da simples articulação entre tradição local e linguagem moderna para a análise de como os fundamentos do Movimento

Moderno operam, ao longo do tempo, como procedimentos de projeto em contínua reavaliação, explicitados nas inflexões evidenciadas a serem apresentadas, em resposta a contextos históricos, programáticos e técnicos. Esse enquadramento teórico orienta a seção seguinte, dedicada à discussão da continuidade crítica, do processo e da cultura projetual na arquitetura portuguesa contemporânea.

Referencial teórico: continuidade crítica, processo e cultura projetual na arquitetura portuguesa contemporânea

A compreensão da obra de Álvaro Siza pressupõe situá-la em um campo disciplinar no qual a arquitetura portuguesa do século XX se constitui menos como sucessão de estilos formais e mais como processo reflexivo, marcado por revisões internas, permanências operativas e tensões culturais. Nesse sentido, a Escola do Porto é tomada como cultura projetual – e não como unidade formal fundada na continuidade crítica entre ensino, prática profissional e reflexão disciplinar (Penteado Neto; Pradella, 2025).

A formação dessa cultura decorre da transição do ensino de Belas-Artes para a incorporação progressiva dos princípios do Movimento Moderno em Portugal, processo conduzido de modo tardio e reflexivo. Diferentemente de outros contextos europeus, a modernização da arquitetura portuguesa ocorreu ancorada na valorização da tradição construtiva, da paisagem e dos modos de habitar, configurando um campo de articulações críticas diante do modernismo internacional (Duarte, 2022). A assimilação de referências externas deu-se, assim, de forma seletiva, filtrada pelas condições culturais, sociais e materiais do território (Pinto, 2021).

Nesse cenário, a atuação de Fernando Távora (1923–2005) assume papel estruturante. Sua crítica ao formalismo abstrato e ao universalismo acrítico do Movimento Moderno contribuiu para a formulação de uma arquitetura simultaneamente moderna e situada (Penteado Neto; Pradella, 2025). O Inquérito à *Arquitectura* Popular em Portugal (1955–1961) constitui um marco metodológico decisivo, ao deslocar o interesse da forma ideal para os processos construtivos, os modos de habitar e as lógicas territoriais. É nesse ambiente intelectual que se forma Álvaro Siza, absorvendo não um repertório formal fechado, mas uma postura metodológica baseada na observação, na dúvida e na revisão constante (Duarte, 2022; Grande, 2018).

A leitura proposta por Frampton (1995, 2015) por meio do conceito de regionalismo crítico foi decisiva na projeção internacional da arquitetura portuguesa contemporânea e na consolidação de Álvaro Siza como referência de uma modernidade situada. Contudo, ao enfatizar a mediação entre linguagem moderna e especificidades do lugar, essa abordagem tende a operar de forma predominantemente sincrônica, ressaltando atributos recorrentes da obra sem enfrentar plenamente sua duração histórica, seus deslocamentos internos e os processos de revisão que atravessam décadas de produção (Grande, 2018). Essa limitação torna-se evidente diante da extensão temporal da obra do arquiteto e da complexidade de seus procedimentos, exigindo leituras capazes de articular permanência e transformação como dimensões indissociáveis do projeto.

É nesse ponto que pesquisas, como as de Jorge Figueira, contribuem para a ampliação do entendimento da obra do arquiteto ao enfatizar seu caráter processual e não linear. Desse modo, é possível compreender a arquitetura como campo de investigação permanente, no qual cada projeto dialoga criticamente com os anteriores, incorporando revisões sucessivas e resistindo a enquadramentos rígidos ou ciclos conclusivos (Figueira, 2017, 2020). Essa leitura é corroborada pelo próprio arquiteto, ao conceber o projeto como processo aberto, sujeito a transformações ao longo

do tempo, inclusive durante a construção, fundamentado na observação e na adaptação ao lugar — postura metodológica herdada de Fernando Távora (Penteado Neto; Pradella, 2025). Tal perspectiva permite reconhecer que a obra se constitui por revisões e reinterpretações, inviabilizando interpretações de caráter evolutivo-linear.

Nesse sentido, a noção de continuidade crítica mostra-se mais operativa do que categorias como herança ou permanência formal, ao compreender a modernidade em Álvaro Siza como campo operativo em permanente transformação. Princípios espaciais, construtivos e projetuais — como clareza formal, racionalidade estrutural e relação crítica com o lugar — não se apresentam como valores fixos, mas como instrumentos continuamente reavaliados à luz das circunstâncias históricas e sociais (Duarte, 2022). Desse modo, o projeto afirma-se como processo crítico aberto, fundamentado na observação da realidade e na disposição à revisão (Siza, 2022). Essa concepção, que se intensifica no contexto pós-25 de Abril, encontra expressão na experiência do Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), onde a prática projetual se estrutura a partir do confronto direto com o conflito urbano, a participação popular e a instabilidade do real (Martins, 2020).

A chamada “Escola de Siza”, portanto, não se define por um vocabulário formal reconhecível, mas por um modo de operar transmissível, fundado na observação crítica do lugar, na revisão constante do projeto e na recusa de soluções estilísticas pré-estabelecidas (Figueira, 2017, 2020). Longe de configurar um estilo, essa continuidade manifesta-se como postura disciplinar, construída na tensão produtiva entre permanência e transformação, em consonância com uma tradição crítica da arquitetura portuguesa do pós-guerra (Frampton, 2015; Penteado Neto; Pradella, 2025).

Esse referencial teórico fundamenta a leitura da obra de Álvaro Siza como percurso marcado por inflexões, sobreposições e revisões, mais do que por rupturas ou etapas conclusivas, estabelecendo o enquadramento conceitual a partir do qual se estrutura a análise subsequente.

Contextualização histórica: arquitetura portuguesa no século XX

A interpretação crítica da obra de Álvaro Siza requer a consideração dos contextos políticos, econômicos e culturais que moldaram a arquitetura portuguesa no decorrer do século XX. Três períodos históricos, em particular, são determinantes para situar a sua produção: o regime do Estado Novo (1933-1974), a Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974) e o subsequente período de consolidação democrática (1974-1985), e, por fim, a integração plena de Portugal à União Europeia, em 1986 (Martins, 2020). Cada um desses momentos impôs desafios e abriu novas oportunidades para a prática arquitetônica, às quais Álvaro Siza respondeu com estratégias distintas, configurando uma postura crítica diante do tempo histórico (Siza, 2022; Tostões, 2004).

Durante a vigência do Estado Novo, Portugal foi condicionado por ideais conservadores e nacionalistas, que contribuíram para uma produção arquitetônica de estética tradicionalista. Paralelamente, emergia uma geração formada na Escola do Porto, entre eles Fernando Távora, mestre de Álvaro Siza, empenhada em formular uma alternativa moderna ajustada à realidade cultural e social do país (Penteado Neto; Pradella, 2025; Tostões, 2004). Nesse contexto, o Inquérito à *Arquitetura* Popular em Portugal representou um marco investigativo fundamental, ao documentar práticas construtivas vernaculares e estimular um olhar crítico sobre a prática arquitetônica moderna em âmbito internacional (Figueira, 2005). Fernando Távora, em especial, articulou uma crítica ao formalismo internacionalista do Movimento Moderno, reivindicando uma arquitetura enraizada no lugar e nos modos de vida locais. Sua influência foi determinante

na conformação da maturidade intelectual e projetual de Álvaro Siza, sobretudo pela ênfase na dimensão cultural e na concepção do arquiteto enquanto intérprete do cotidiano (Frampton, 2000).

Com a Revolução dos Cravos, em 1974, Portugal ingressa em um período de intensas transformações institucionais e sociais. A democratização do país trouxe novas demandas habitacionais, educacionais e urbanas, impulsionando investimentos públicos voltados à arquitetura e ao planejamento (Tostões, 2004). Nesse cenário, Álvaro Siza participa ativamente do SAAL, que fomentou projetos habitacionais autogestionários em bairros populares (Martins, 2020).

Essa experiência não apenas evidenciou seu engajamento político, mas também consolidou sua atenção à dimensão coletiva do espaço construído, articulando formas modernas a lógicas de apropriação popular e à valorização das pré-existências. Episódios como a crise econômica de 1983, que restringiu investimentos e exigiu soluções mais austeras, também moldaram suas respostas projetuais nesse período, reforçando sua aptidão em articular rigor formal com contingências materiais (Moneo, 2008).

O ingresso de Portugal na União Europeia, em 1986, constitui o terceiro marco fundamental, associado a um processo de modernização econômica, expansão da infraestrutura e internacionalização do debate arquitetônico. O acesso a novos financiamentos e a crescente visibilidade do país projetaram Álvaro Siza para o centro da cena arquitetônica internacional (Figueira, 2017). Sua nomeação para a reconstrução urbanística e arquitetônica do Chiado, em Lisboa, após o incêndio de 1988, consiste em um dos símbolos dessa fase: um desafio de complexidade histórica e urbana, em que a reinterpretação do patrimônio se alia a uma gramática arquitetônica contemporânea. Paralelamente, ampliou-se o número de encomendas internacionais, evidenciando sua capacidade de preservar coerência conceitual sem renunciar ao vínculo com o sítio, à clareza construtiva e à contenção formal (Siza, 2000).

Para Moneo (2008), Álvaro Siza é um dos maiores representantes da arquitetura concebida como continuidade do pensamento e dos princípios do Movimento Moderno, cuja obra reflete influências de Alvar Aalto (1898-1976), Frank Lloyd Wright (1867-1959), Le Corbusier (1887-1965), Adolf Loos (1870-1933), entre outros arquitetos paradigmáticos. Essa leitura, de caráter genealógico, é fundamental para compreender a inserção de Álvaro Siza no campo disciplinar moderno e a forma como dialoga com suas matrizes históricas. Contudo, quando tomada de modo isolado, tende a reduzir a complexidade de sua trajetória, ao enfatizar relações de filiação em detrimento da compreensão da arquitetura como processo crítico e historicamente situado.

Em um percurso com mais de sete décadas, a produção de Álvaro Siza não se limita à continuidade linear de referências, mas envolve um processo consciente de seleção, deslocamento e reelaboração, no qual os fundamentos do moderno são continuamente reinterpretados em função de diferentes contextos históricos e culturais (Figueira, 2017). Nesse sentido, o moderno não opera em sua obra como herança a ser preservada, mas como campo crítico e operativo, permanentemente reativado. É a partir dessa matriz crítica que se aproximam arquitetos como Eduardo Souto de Moura e Gonçalo Byrne, ainda que cada um desenvolva estratégias próprias de relação com a história, a forma e o lugar (Siza, 2019).

Essa coerência é reforçada pela forma como sua trajetória se entrelaça às transformações históricas e políticas de Portugal. Sua arquitetura não apenas responde aos contextos, mas contribui para novas leituras e para a reconfiguração do território. Como observa Tostões (2004), o percurso da modernidade arquitetônica portuguesa configura-se como um contínuo de adaptações e resistências, características que, em Álvaro Siza, se intensificam na tensão entre permanência e mudança, entre fundamentos modernos e a complexidade contemporânea. Eventos posteriores,

como a Expo'98 em Lisboa, a Capital Europeia da Cultura no Porto, em 2001, e as transformações urbanas associadas ao turismo e à reabilitação dos centros históricos no século XXI, evidenciam como a obra do arquiteto se mantém operativa diante de contextos mutáveis, incorporando novas demandas sem romper com seus fundamentos disciplinares (Figueira, 2017).

Essa perspectiva fundamenta a análise a seguir, voltada a evidenciar continuidades e inflexões em seu percurso projetual. Mais do que identificar recorrências formais ou filiações estilísticas, a abordagem proposta busca compreender de que modo Álvaro Siza constrói, ao longo do tempo, uma relação crítica com os fundamentos do Movimento Moderno, operando uma seleção consciente e progressiva de princípios espaciais, construtivos e projetuais, continuamente reconfigurados diante das transformações históricas e culturais.

Cronologia crítica da obra de Álvaro Siza (1950–2020)

A construção de uma cronologia crítica da obra de Álvaro Siza, entre 1950 e 2020, não se limita à ordenação sucessiva de projetos, mas busca evidenciar as relações entre decisões projetuais e as conjunturas culturais, políticas e técnicas que as informam. O recorte por décadas opera, assim, como instrumento heurístico, sem pretender estabilizar 'fases', mas tornar legíveis os deslocamentos internos entre obras, programas e conjunturas.

À luz desse quadro — a permanência crítica dos fundamentos do Movimento Moderno —, a leitura cronológica torna visíveis, desde os primeiros projetos, tanto a articulação entre referências modernas e enraizamento no sítio quanto inflexões capazes de renovar o campo disciplinar sem ruptura.

1950–1960: Formação e estruturação de um pensamento arquitetônico Moderno

O período de consolidação inicial da obra de Álvaro Siza, compreendido entre 1950 e o início dos anos 1960, desenvolve-se em um contexto de transição cultural e disciplinar em Portugal. Graduado na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, Portugal, o arquiteto vivencia um ambiente ainda permeado pela rigidez acadêmica, mas progressivamente tensionado pela incorporação do pensamento moderno europeu. Essas influências chegavam mediadas pelas inquietações de Fernando Távora, cuja participação nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) e reflexões sobre a cultura construtiva portuguesa contribuíram para problematizar os limites do internacionalismo moderno (Frampton, 2000). Nesse contexto, o arquiteto inicia sua prática profissional conciliando a tradição construtiva portuguesa com uma leitura renovada dos princípios modernos, delineando desde cedo uma postura situada e atenta às especificidades do lugar (Duarte, 2022).

A obra *As Quatro Habitações* (1954–1957), construída em Matosinhos antes mesmo da conclusão de sua formação acadêmica, evidenciava precocemente um diálogo consistente com referências internacionais. A proximidade formal com Le Corbusier manifesta-se no desenho das esquadrias e na expressão do concreto aparente, enquanto o uso da madeira articula tradição local e influências de Alvar Aalto. Mais do que uma aplicação direta de repertórios modernos, o projeto revela um exercício experimental, no qual a atenção à materialidade, à escala controlada e à integração com a paisagem demonstra que, desde seus primeiros trabalhos, Álvaro Siza reinterpreta modelos a partir das condições específicas do sítio, e não como fórmulas transferíveis (Siza, 2011).

No mesmo intervalo temporal, Portugal vivia sob o regime do Estado Novo, que incentivava o distanciamento em relação às tendências universais do Movimento Moderno e promovia o uso de técnicas e expressões construtivas locais (Tostões, 2004). O Inquérito à *Arquitetura Popular* em Portugal, apoiado pelo governo e dedicado ao mapeamento da diversidade construtiva do país, reforçou essa orientação ao mapear práticas vernaculares e estimular uma revisão crítica do discurso moderno internacional. Para Figueira (2005), essa pesquisa revela uma face reflexiva da modernidade portuguesa, demonstrando que a arquitetura popular poderia operar como instrumento crítico frente ao internacionalismo homogêneo. Inserido nesse contexto, Álvaro Siza acompanha de perto todas as etapas do processo construtivo, aprofundando sua compreensão sobre materialidade, dimensão tectônica e o impacto territorial da arquitetura, elementos que passam a integrar de modo indissociável seu método de projeto (Duarte, 2022).

A Casa de Chá da Boa Nova (1958–1963) constitui um marco inaugural, embora não conclusivo, em sua trajetória, cuja concepção escapa a uma leitura linear ou à associação rígida a uma “fase” específica de sua obra. Encomendada pelo poder público como parte de um programa de valorização turística, a obra foi concebida no escritório de Fernando Távora, mas integralmente desenvolvida por Álvaro Siza (Frechilla, 1986). Como observa Figueira (2018, 2020), os projetos iniciais do arquiteto revelam um processo de experimentação contínua, no qual diferentes versões e soluções são testadas até que se alcance uma configuração capaz de sintetizar princípios espaciais, construtivos e paisagísticos. Estudos preliminares da Casa de Chá indicam que as primeiras propostas apresentavam uma composição mais fragmentada, com volumes e coberturas inclinadas, aproximando-se de outros projetos costeiros desenvolvidos ao longo da década de 1960.

Desse modo, o projeto construído articula uma volumetria horizontal e orgânica que se encaixa no afloramento rochoso do sítio, respeitando o gabarito da Capela da Boa Nova (1392) e explorando a *promenade architecturale* como estratégia espacial e narrativa. A obra deve ser compreendida não como cristalização de um repertório estabilizado, mas como fechamento provisório de um campo investigativo que permanecerá ativo ao longo do tempo. A atenção ao percurso, à luz e à relação entre construção e paisagem — em diálogo com referências de Alvar Aalto — consolida a Casa de Chá como uma síntese entre princípios do moderno internacional e um enraizamento sensível no lugar (Figueira, 2018; Grande, 2018; Gregotti, 1972).

Essa atenção ao sítio e à topografia reaparece na Piscina da Quinta da Conceição (1958–1965), em Leça da Palmeira, implantada em um sítio histórico que preservava o claustro de um antigo convento e elementos de arquitetura manuelina. Nessa obra, o arquiteto explora a modulação do terreno como diretriz projetual, conduzindo o visitante pela *promenade architecturale* que alterna visuais curtas e amplas até o grande platô onde se encontra a piscina (Tostões, 2004). Mais do que uma solução formal, o projeto evidencia a continuidade de investigações iniciadas na Casa de Chá da Boa Nova, agora reelaboradas em diálogo com um contexto histórico distinto. Como observa Gregotti (1972), a implantação estabelece uma relação gradual e quase indecifrável com o visitante, revelando a obra em fragmentos até sua plena percepção. A solução, que articula respeito às preexistências e constituição de uma nova presença arquitetônica, reafirma a capacidade de Álvaro Siza de converter condicionantes físicos e históricos em princípios estruturantes do processo de projeto, e não em limitações formais (Martins, 2020).

A série de obras constituída pelas Quatro Habitações, a Casa de Chá da Boa Nova e a Piscina da Quinta da Conceição evidenciam a sedimentação de um repertório projetual baseado na tríade lugar–materialidade–arquitetura (Gregotti, 1972; Tostões, 2004). Mais do que exercícios iniciais, esses projetos configuram um campo formativo em permanente elaboração. Como observa

Frampton (1995), é nesse período que se delineiam princípios que acompanharão o arquiteto ao longo do tempo, embora nunca de modo fixo ou definitivo. Essas obras iniciais já evidenciam a adoção de fundamentos modernos associados à clareza espacial, à articulação entre construção e percurso e à atenção rigorosa às condições do lugar como método de projeto, continuamente reavaliado e reinterpretado diante de novos contextos e programas.

A década seguinte não substitui esse repertório; antes, o reorienta ao aprofundar a relação entre geometria, percurso e paisagem, como evidenciam obras como a Piscina das Marés (1961-1966), que intensificam o diálogo com a arquitetura moderna e consolidam uma abordagem crítica e situada, reconfigurando procedimentos já em curso e abrindo caminho para a maturidade inicial da obra de Álvaro Siza (Moneo, 2008).

1960-1970: Maturidade inicial e diálogo com o Movimento Moderno

Na década de 1960, esses procedimentos anteriormente delineados passam a operar de forma mais integrada e consciente (Figueira, 2018). A formação na Escola do Porto, a convivência com Fernando Távora e a assimilação crítica de referências internacionais, como Alvar Aalto e Le Corbusier, deixam de atuar como influências isoladas e passam a constituir um campo operativo unificado, reinterpretado à luz das especificidades culturais, construtivas e paisagísticas do contexto português (Siza, 2011).

Nesse cenário, um dos projetos paradigmáticos que se destaca é a Piscina das Marés (1961-1966), localizada em Leça da Palmeira, implantada em proximidade imediata à Casa de Chá da Boa Nova (Siza, 2011). Situado sobre um maciço rochoso junto ao Atlântico, o projeto explora a depressão natural do terreno e as relações de visibilidade com a Avenida da Liberdade, configurando um conjunto de tanques de água salgada moldados pela topografia existente (Tostões, 2004).

Como observa Figueira (2017), a lógica geométrica do projeto dialoga com a abordagem de Frank Lloyd Wright em *Taliesin West* (1937-1959), notadamente na utilização de linhas oblíquas e na articulação entre geometria e paisagem. A composição de Álvaro Siza articula percursos que revelam gradualmente a paisagem, criando momentos de contemplação, ao promover uma tensão dialética entre a dinâmica oceânica e a tranquilidade dos espelhos d'água abrigados. Para Moneo (2008), o sistema de plataformas proposto redefine a leitura do afloramento rochoso, instaurando uma horizontalidade ordenadora que qualifica o encontro entre natureza e edifício.

De modo análogo à Casa de Chá da Boa Nova, a Piscina das Marés recorre a uma geometria reguladora que se conforma à topografia e às preexistências, articulando zonas de intermediação espacial e percursos contínuos, configurando uma interpretação particular e situada do conceito da *promenade architecturale* (Figueira, 2017, 2018). Esse método projetual, conforme Tostões (2004), é característico da produção de Álvaro Siza nos anos 1960 e reflete tanto os ensinamentos da Escola do Porto quanto o Inquérito à *Arquitetura* Popular em Portugal. A organicidade das soluções, a valorização dos materiais e a atenção ao percurso demonstram a capacidade de conciliação entre abordagens regionalistas e princípios modernos, sem recorrer à literalidade formal ou ao mimetismo vernacular. Essa dinâmica não se restringe à forma final, mas envolve um diálogo contínuo entre concepção e execução, com presença ativa no canteiro e abertura a ajustes decorrentes da observação *in loco* (Duarte, 2022; Figueira, 2018).

Na transição para os anos 1970, Álvaro Siza consolida uma linguagem em que nem a tradição portuguesa nem o ideário moderno se apresentam como absolutos, mas como campos em transformação, permeados por contradições e revisões críticas. Como observa Figueira (2017),

enquanto a arquitetura vernacular se convertia, em certas regiões, em recurso estético para um turismo emergente, a Arquitetura Moderna perdia seu caráter revolucionário e passava a ser reinterpretada sob novas perspectivas. É nesse contexto que, na década seguinte, o arquiteto direciona parte de sua atuação para esferas de maior engajamento social e político, participando de programas habitacionais de caráter coletivo, como o SAAL, nos quais os princípios de integração ao lugar, rigor formal e leitura do contexto são mobilizados diante de demandas urbanas urgentes e do horizonte democrático recém-instituído (Duarte, 2022; Siza, 2011).

1970–1980: Engajamento social e a experiência do SAAL

A década de 1970 corresponde a um período de significativas transformações políticas, sociais e culturais em Portugal. A Revolução dos Cravos, em 1974, pôs fim ao regime de António de Oliveira Salazar, marcando o início de uma fase de democratização, influenciando diretamente os campos da habitação, do urbanismo e da prática arquitetônica (Tostões, 2004). Nesse contexto de reconfiguração institucional e social, Álvaro Siza desempenhou um papel significativo na reconstrução social do país, participando do SAAL (Figueira, 2017).

O projeto para o Bairro de Bouça, no Porto, iniciado em 1975, tornou-se emblemático por articular pré-existências, participação comunitária e racionalidade construtiva, buscando uma síntese entre necessidades sociais urgentes e rigor formal (Moneo, 2008). Nesse período, os fundamentos do moderno são reorientados por exigências sociais e políticas, operando como método disciplinar aplicado à dimensão coletiva do espaço, sem que se perca o rigor arquitetônico característico da obra de Álvaro Siza (Duarte, 2022).

Paralelamente à atuação no SAAL, o arquiteto desenvolveu projetos que ampliaram seu prestígio no cenário nacional, como o Banco de Oliveira de Azeméis (1971–1974), a Casa Beires (1973–1976), o Bairro da Malagueira (1977–1997) e o Banco Borges & Irmão (1978–1986) (Siza, 2011). Essas obras revelam a coexistência, e não a oposição, entre engajamento social e elaboração formal, evidenciando uma postura que se distancia tanto do funcionalismo estrito quanto de leituras pós-modernas incipientes.

Enquanto a Arquitetura Moderna, em sua vertente mais ortodoxa, projetava em distanciamento do lugar, Álvaro Siza propunha soluções de enraizamento contextual, sensíveis às especificidades locais. Nos projetos vinculados ao SAAL, essa postura manifesta-se na repetição volumétrica, na marcação de vãos regulares e na predominância do branco, elementos que articulam referências do racionalismo centro-europeu com a arquitetura vernacular portuguesa (Moneo, 2008).

O projeto para a agência do Banco de Oliveira de Azeméis exemplifica a capacidade do arquiteto de equilibrar tradição e inovação construtiva. Implantado em Oliveira de Azeméis – no distrito de Aveiro, integrado à Região Norte de Portugal, o edifício apresenta uma fachada curva que rompe a ortogonalidade predominante do tecido urbano, incorporando um traçado sinuoso que demarca o eixo de acesso e estabelece relações com o contexto urbano adjacente (Martins, 2020).

Segundo o próprio Siza (2000), essa solução decorre tanto de pesquisas anteriores, quanto da assimilação crítica de referências como Alvar Aalto, Frank Lloyd Wright e James Stirling (1926–1992), em especial o projeto para a Faculdade de História de Cambridge (1967), que contribuiu para a reformulação do partido inicialmente concebido. A geometria curva, além de responder a objetivos formais, solucionou demandas funcionais, como a iluminação natural do pátio de uma edificação

setecentista adjacente, evidenciando a articulação entre forma, função e contexto histórico (Figueira, 2017).

Ao final desse período, a arquitetura portuguesa começava a se aproximar das premissas do pós-modernismo, não apenas como discurso crítico, mas como espaço propício para investigações formais e conceituais (Figueira, 2017). Nesse contexto, Álvaro Siza já se destacava por uma linguagem que equilibrava a abstração formal, rigor construtivo e inserção contextual, sem aderir a soluções estilísticas ou retóricas (Siza, 2000). Esse repertório, amadurecido no enfrentamento de condições políticas, econômicas e materiais adversas, contribuiu para o estabelecimento das bases de sua projeção internacional, a partir dos anos 1980, período em que obras como a reconstrução do Chiado, em Lisboa, consolidaram seu reconhecimento internacional, reafirmando seu papel como intérprete crítico e contínuo da modernidade arquitetônica (Duarte, 2022).

1980–1990: Reconhecimento internacional e reconstrução do Chiado

A década de 1980 marca a afirmação da carreira internacional de Álvaro Siza, com uma produção que articula disciplina projetual, leitura crítica da história urbana e atenção às particularidades do sítio. Seu trabalho assume, nesse período, um caráter culturalista não como adesão historicista, mas como procedimento crítico fundamentado na interpretação tipológica e morfológica da cidade, aspecto que se torna especialmente evidente nos projetos para o Chiado (Figueira, 2017). Resgatando a estrutura urbana pombalina posterior ao terremoto de 1755, Álvaro Siza propõe um plano de reconstrução que se distanciou da reprodução literal do passado, ressignificando, dentro de uma linguagem contemporânea, a capacidade de articulação entre o tecido urbano preservado e a memória histórica do bairro (Siza, 2000). A intervenção evidencia uma leitura madura do moderno como instrumento de reconstrução da cidade histórica, no qual tipologia, escala e clareza construtiva funcionam como mediadores entre memória urbana e projeto contemporâneo (Duarte, 2022).

Antes da intervenção no Chiado, o arquiteto já havia realizado obras que evidenciam atenção ao existente e a continuidade formal, como a habitação social *Bonjour Tristesse* (1980–1984), em Berlim – Alemanha, sua primeira obra fora de Portugal, e a Casa de Ovar (1980–1984), no distrito de Aveiro – Portugal. No *Bonjour Tristesse*, a fachada curva e contínua articula-se às edificações adjacentes, sugerindo completude e definindo uma hierarquia visual mediante a repetição rítmica das janelas (Siza, 2000).

A Casa de Ovar, com fachadas opacas e desprovidas de ornamento, aproxima-se da linguagem austera de Adolf Loos, reafirmando uma concepção de forma como resultado de necessidade construtiva e não de expressão simbólica direta (Duarte, 2022). Esses projetos, juntamente com a intervenção no Chiado, configuram uma prática orientada ao enfrentamento crítico do vazio urbano e à reintegração da arquitetura à continuidade da cidade, por meio de respostas enraizadas no lugar e nas memórias que o constituem (Figueira, 2017; Siza, 2011).

No final da década, Álvaro Siza retoma projetos públicos de maior complexidade programática com a nova sede da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (1988–1992), em Portugal, implantada no declive da histórica Quinta da Póvoa, às margens do Rio Douro. O conjunto organiza-se por volumes prismáticos independentes, conectados por percursos internos e externos, explorando a topografia e estabelecendo relações visuais controladas com a paisagem (Moneo, 2008; Siza, 2000).

Executado em concreto armado moldado *in situ*, o edifício opera como um campo experimental de investigação disciplinar, no qual precisão construtiva, clareza compositiva e complexidade espacial se articulam de forma indissociável. Esse contexto de transformações contribuiu para o fortalecimento da projeção internacional do arquiteto e marcou o início da construção de projetos museológicos, como o Centro Galego de Arte Contemporânea (1988–1993), na transição para os anos 1990, e inaugurou um novo ciclo de reflexão sobre espaço expositivo, percurso e relação urbana (Figueira, 2020).

1990–2000: Consolidação da linguagem e renovação criativa

Ao longo da década de 1990, Álvaro Siza consolida procedimentos projetuais desenvolvidos nas décadas anteriores e amplia sua projeção internacional, consagrada pelo Prêmio Pritzker (1992). Obras realizadas em Portugal e no exterior — como a Fábrica de Móveis Vitra (1991–1994), em Weil am Rhein, e a sede da Fundação Manuel Cargaleiro (1991–1995), em Lisboa — reafirmam uma postura disciplinar na qual inserção contextual e vocação pública coexistem com abstração geométrica e precisão compositiva, distanciando-se deliberadamente das estratégias pós-modernas então predominantes (Figueira, 2020; Siza, 2011). Nessa etapa, clareza espacial, contenção formal e controle construtivo operam como instrumentos de projeto, estabilizando uma linguagem que prepara inflexões estruturais e espaciais subsequentes.

Nesse horizonte, destacam-se obras que evidenciam o amadurecimento desses procedimentos, como a Igreja de Santa Maria (1990–1996), em Marco de Canaveses, e o Museu de Serralves (1991–1999), no Porto. Na igreja, Álvaro Siza articula volumes abstratos com clareza geométrica e construtiva, estabelecendo um diálogo rigoroso com a escala urbana da pequena cidade. Segundo Figueira (2020), esses projetos podem ser compreendidos como o culminar de um ciclo marcado por certo conservadorismo estrutural, no qual a estrutura atua como princípio de ordenação formal e espacial, não como limitação técnica, mas como estratégia disciplinar que privilegia continuidade, legibilidade e controle do espaço arquitetônico.

O Pavilhão de Portugal para a Expo'98 (1998), em Lisboa, embora ainda inscrito nesse mesmo campo disciplinar, introduz uma inflexão decisiva ao explorar um gesto estrutural de forte impacto espacial — a pala suspensa — que articula percurso, espaço público e monumentalidade (Duarte, 2022). Mais do que exceção formal, a obra tensiona os limites do controle estrutural previamente consolidado, antecipando a intensificação de estratégias construtivas mais ousadas que se afirmaram na transição para o século XXI, sem abandono do rigor conceitual característico da linguagem do arquiteto (Siza, 2000).

A partir do final dos anos 1990, essa inflexão torna-se mais evidente. Álvaro Siza passa a incorporar grandes vãos, balanços expressivos, suspensões volumétricas e uma integração ativa entre estrutura, percurso e espaço, reposicionando-os como elementos constitutivos da experiência arquitetônica, em projetos citados no decorrer do estudo.

Nesse mesmo movimento, a Fundação Iberê Camargo (1998–2008), em Porto Alegre, configura uma síntese dessa etapa, ao revisitar fundamentos modernos em diálogo com o contexto histórico, cultural e urbano (Serapião, 2008). Para Frampton (2008), o partido arquitetônico, moldado pela topografia e pela massa da falésia, evidencia a integração de influências modernas — como a clareza volumétrica, a autonomia formal do edifício em relação ao solo e o rigor tectônico — articuladas a referências da Arquitetura Moderna Brasileira.

Essas camadas não operam como citações diretas, mas como componentes de um processo seletivo e consciente de acumulação disciplinar, no qual estrutura, espaço e experiência sensível convergem em uma síntese arquitetônica madura.

Essas obras reafirmam os fundamentos do moderno como campo operativo, no qual complexidade formal, experimentação espacial e densidade simbólica se articulam de modo crítico, não como repertório estabilizado, mas como procedimento em contínua reavaliação. Na virada do século, as transformações no panorama arquitetônico e urbano inauguram uma nova etapa na produção do arquiteto, marcada menos por rupturas do que pela intensificação reflexiva de procedimentos já consolidados (Siza, 2011). É nesse horizonte que se delineia uma nova etapa de sua produção, marcada pela reconfiguração crítica dos princípios modernos diante dos desafios contemporâneos.

2000–2020: Permanência crítica e síntese da maturidade arquitetônica

Nas primeiras duas décadas do século XXI, a obra de Álvaro Siza alcança um estágio de maturidade no qual a permanência dos fundamentos modernos se manifesta como síntese crítica de procedimentos acumulados ao longo de sua trajetória. Trata-se de uma arquitetura que se afirma pela continuidade reflexiva, na qual rigor disciplinar, experimentação espacial e abertura ao contexto operam de forma integrada, respondendo a condições contemporâneas sem abdicar de princípios consolidados (Figueira, 2017).

Em relação à década anterior, observa-se um deslocamento do controle estrutural como fim em si para sua articulação direta com percurso, mediação urbana e experiência espacial, configurando uma ampliação operativa do vocabulário moderno. Obras desenvolvidas na transição entre os séculos, como a Igreja de Santa Maria (1990-1996), em Marco de Canaveses, e a Fundação Iberê Camargo (1998–2008), em Porto Alegre, evidenciam esse processo ao consolidar estratégias estruturais, espaciais e construtivas que haviam se delineado nos anos finais da década de 1990, agora rearticuladas. Nessa fase, a arquitetura de Álvaro Siza assume explicitamente a permanência do moderno como campo operativo, no qual lugar, estrutura e percurso são continuamente reconfigurados diante de novos desafios culturais, urbanos e técnicos, sem perda de coerência disciplinar (Figueira, 2017).

Nesse período, a noção de lugar é ampliada para além de suas dimensões físicas e culturais imediatas, incorporando condições contemporâneas associadas à globalização, à informatização do projeto e às demandas ambientais, sem que se perca a compreensão da arquitetura como prática cultural crítica.

O Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso (MACNA) (2006–2016), em Chaves – Portugal, exemplifica essa abordagem ao situar-se na interface entre o tecido urbano consolidado e a paisagem rural, suspendendo a volumetria do solo como estratégia de mediação espacial e perceptiva (Grande, 2018). A composição formal articula valorização das ruínas de Longras, perspectivas sobre o horizonte urbano e enquadramentos das janelas que promovem uma experiência de descobertas do entorno pelo visitante (Siza, 2015). A desfragmentação parcial do volume, a incorporação de eixos longitudinais com o Tâmega e a Rota Peatonal, e a referência pontual ao espólio de Nadir Afonso resultam em um percurso contemplativo e em um diálogo coerente entre geometria, antropomorfia e contexto urbano, consolidando a síntese madura da linguagem do arquiteto (Siza; Souto De Moura, 2016).

Estratégia análoga pode ser observada na Biblioteca Municipal de Viana do Castelo (2004–2008), igualmente vinculada ao Programa Polis (Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades). Implantada em uma área de transição entre cidade e paisagem natural, a obra estabelece continuidade conceitual com intervenções anteriores de Fernando Távora na orla ribeirinha adjacente, reafirmando a herança crítica da Escola do Porto como matriz operativa e não formal (Figueira, 2016; Martins; Pisani, 2023). O edifício respeita a escala do entorno e organiza-se a partir de um átrio interno que articula interior e paisagem, retomando referências modernas — como Alvar Aalto e sua Casa de Verão em Muuratsalo (1953) — sem recorrer a citações diretas ou gestos nostálgicos (Figueira, 2017).

A permanência dos fundamentos modernos nessa fase é explicitada por Eduardo Souto de Moura, ao reconhecer no MACNA a presença de princípios universais recorrentes na obra do arquiteto, como a suspensão do volume, a centralidade do percurso, o uso do terraço e a janela em fita, em diálogo com os projetos de Le Corbusier, como a *Villa Savoye* (1928–1931) e do Museu Nacional de Arte Ocidental em Tóquio (1957–1959) (Siza; Souto de Moura, 2016). Esses princípios, contudo, são deslocados de seu estatuto canônico e reconfigurados como instrumentos de mediação contextual e experiência sensível.

A síntese formal e conceitual presente nessas obras estende-se de modo análogo a projetos residenciais, como a Casa em Maiorca (2002–2007), que se distingue pela fragmentação volumétrica disposta ao longo do eixo longitudinal. De maneira semelhante, destaca-se a Casa do Pego (2002–2007), em Sintra, cuja organização espacial deriva de um eixo central, configurando pátios semiprivados voltados para a paisagem, espaços exteriores irregulares e interiores iluminados de forma natural. Esses projetos demonstram a persistência na investigação do diálogo entre arquitetura, iluminação natural e contexto paisagístico, reforçando o equilíbrio entre fragmentação e unidade, característico de suas obras nesse período (Siza; Souto de Moura, 2016).

Essa atenção à inserção contextual manifesta-se igualmente em projetos internacionais, resultantes da parceria com o arquiteto Carlos Castanheira, como o empreendimento comercial Aurora Annupuri (2019–), no Japão, a residência *Jeju Tea House* (2014–2018) e o Centro de Pesquisa e *Design Amore Pacific* (2007–2010), ambos na Coreia do Sul. A recorrência desses procedimentos em contextos culturais e climáticos distintos evidencia que a permanência crítica do moderno não se funda em regionalismos formais, mas em um método disciplinar capaz de se adaptar sem perder identidade (Siza; Souto de Moura, 2016).

Dessa forma, a produção do arquiteto entre 2000 e 2020 evidencia a permanência crítica dos princípios modernistas na arquitetura contemporânea, articulando tradição e inovação de maneira reflexiva. Enraizada em precedentes modernos, especialmente na herança da Escola do Porto e nas tradições do modernismo clássico, e aberta a estratégias experimentais, sua produção reafirma o papel do arquiteto como mediador entre continuidade histórica e desafios contemporâneos.

Considerações finais

A produção arquitetônica de Álvaro Siza, analisada a partir da ótica de permanência crítica do moderno, configura um percurso singular no campo arquitetônico entre o século XX e as primeiras décadas do século XXI. Sua trajetória não propõe rupturas categóricas, mas constrói uma continuidade crítica, na qual os princípios do modernismo são reinterpretados e adaptados às mudanças do tempo e dos contextos. Essa condição afasta sua obra tanto de leituras nostálgicas

quanto de compreensões que opõem moderno e contemporâneo como categorias excludentes, permitindo compreender o projeto como um campo aberto de reflexão e prática.

No decorrer de sete décadas, observou-se que fundamentos modernos, tais como a clareza construtiva, a racionalidade espacial, a articulação entre forma e função e a responsabilidade disciplinar do projeto, permanecem operativos não como valores fixos, mas como instrumentos críticos continuamente atualizados. Projetos como a Casa de Chá da Boa Nova, a Fundação Iberê Camargo, o Chiado, o Museu de Serralves e o Pavilhão de Portugal integram um contínuo autoral no qual o lugar, a materialidade e o tempo constituem dimensões estruturantes do projeto, permitindo reconhecer inflexões sem dissolução da coerência interna da linguagem arquitetônica.

Essa permanência não se configura como passiva ou nostálgica perante o legado moderno, mas demanda uma atitude crítica, analítica e inventiva, baseada na seleção consciente e no deslocamento de princípios disciplinares. Álvaro Siza não reproduz fórmulas consolidadas; submete-as a um exame rigoroso de depuração e reinvenção, no qual a modernidade opera como atitude intelectual sustentada pela dúvida e pela capacidade de transformação contínua (Siza, 2019). Nesse sentido, a arquitetura afirma-se como disciplina simultaneamente ancorada em permanências e aberta às transformações contemporâneas.

A noção de lugar, fundamental em sua prática, evolui de uma relação predominantemente física para uma compreensão ampliada, que envolve memória, cultura e construção como camadas indissociáveis do projeto. Essa abordagem posiciona sua arquitetura como forma de resistência à homogeneização espacial associada aos processos contemporâneos de globalização, reafirmando a arquitetura não como imagem ou estilo, mas como forma de conhecimento e mediação cultural.

Do ponto de vista historiográfico, a análise cronológica proposta evidenciou um percurso não linear, no qual cada projeto dialoga com os anteriores e projeta desdobramentos futuros, configurando um processo cumulativo marcado por revisões, sobreposições e inflexões. A maturidade de sua linguagem reside justamente na capacidade de transformação sem perda de identidade, articulando rigor e abertura interpretativa, racionalidade construtiva e sensibilidade ao lugar.

Assim, a permanência crítica do moderno na obra de Álvaro Siza pode ser compreendida como um gesto disciplinar consciente diante da fluidez contemporânea: não reafirma o moderno como imagem, mas sua atualização como procedimento capaz de responder às transformações históricas, culturais e técnicas. Revisitar sua trajetória implica, portanto, repensar a disciplina arquitetônica como um campo dinâmico de permanências e transformações, oferecendo referências críticas para práticas contemporâneas comprometidas com continuidade, invenção e responsabilidade disciplinar.

Referências

- Duarte, C. La arquitectura portuguesa: de los años treinta a la actualidad. In: *Tendencias de la arquitectura portuguesa*. Barcelona: Col·legi d'Arquitectes de Catalunya (COAC), 2022.
- Figueira, J. *Álvaro Siza*: Museu Nadir Afonso. Porto: Maiadouro, 2016.
- Figueira, J. Digitalizar a dúvida: cinco pontos sobre a arquitetura portuguesa contemporânea. In: Souto de Moura, E. (org.). *Descontinuidade*: arquitectura contemporânea no Norte de Portugal. Barcelos: Civilização Editora, 2005.
- Figueira, J. *O arquitecto azul*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017.
- Figueira, J. O restauro da Casa de Chá da Boa Nova. *Revista Património*, v. 5, p. 84-89, 2018.

- Figueira, J. Transformações na Arquitetura de Álvaro Siza na década de 1990. [Entrevista cedida a] Raul Penteado Neto. *Risco – Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, v. 18, p. 1-15, 2020. Doi: <https://doi.org/10.11606/1984-4506.risco.2020.165222>.
- Frampton, K. *Álvaro Siza: obra completa*. 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.
- Frampton, K. *História crítica da arquitetura moderna*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- Frampton, K. O museu como labirinto. In: Fundação Iberê Camargo (org.). *Álvaro Siza*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- Frampton, K. *Studies in tectonic culture: the poetics of construction in nineteenth and twentieth century architecture*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- Frechilla, J. Fernando Távora: conversaciones en Oporto. *Arquitectura: Revista del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid*, n. 261, p. 22-28, 1986.
- Grande, N. Nadir e Siza: geometrias cruzadas. *Revista Visuais*, v. 4, n. 7, p. 54-60, 2018. Doi: <https://doi.org/10.20396/visuais.v4i2.12125>.
- Gregotti, V. Architecture recente de Álvaro Siza. In: *Álvaro Siza: profesión poética*. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.
- Martins, A. A. *Álvaro Siza: caligrafia concreta*. 2020. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.
- Martins, A. A.; Pisani, M. A. J. Biblioteca municipal de Viana do Castelo: uma arquitetura moldada na transição entre natureza e cidade. *Oculum Ensaios*, v. 20, e235244, 2023. Doi: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v20e2023a5244>.
- Moneo, R. *Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- Penteado Neto, R. T.; Pradella, D. L. P. Pluralidade e transgeracionalidade no ensino de projeto: uma escola de escolas. *Oculum Ensaios*, v. 22, e2514861, 2025. Doi: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v22e2025a14861>.
- Pinto, P. L. Álvaro Siza and the construction of a trend school. *PosFAUUSP*, v. 28, n. 52, e168263, 2021. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.psrevprogramapsgradarquiturbanfauusp.2021.169804>.
- Serapião, F. Passado e presente. In: *Arquitetura Ibérica 23: equipamentos*. Lisboa: Caleidoscópio, 2008.
- Siza, A. *Álvaro Siza*. São Paulo: Folha do Amanhã, 2011. (Coleção Folha Grandes Arquitetos, v. 15).
- Siza, A. *Álvaro Siza, 1958–2000*. Madrid: El Croquis, 2000.
- Siza, A. *Álvaro Siza in/discipline*. Portugal: Walther König, 2019.
- Siza, A. *Álvaro Siza: Nadir paralelo ao Tâmega*. [Entrevista cedida a] Manuel Graça Dias. *Jornal Gyptec*, n. 1, p. 4-11, 2015. Disponível em: https://www.gyptec.eu/documentos/JornalGyptec_N1.pdf. Acesso em: 1 set. 2024.
- Siza, A. O 25 de Abril e a transformação da cidade. *Estudo Prévio*, n. 20, p. 90-92, 2022. Doi: <https://doi.org/10.26619/2182-4339/20.18>.
- Siza, A.; Souto de Moura, E. Arq. Siza Vieira e Arq. Eduardo Souto de Moura antecipam a abertura do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso. [Conferência moderada por] Carlos Magno. *Canal INDIEROR*, 2016. 1 vídeo (2h20 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cjBc7Eydu0E&ab_channel=INDIEROR. Acesso em: 1 set. 2024.
- Tostões, A. *Arquitectura moderna portuguesa: 1920-1970*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), 2004.

Colaboradores

V. De Conto: Conceituação, Investigação, Metodologia, e Escrita - rascunho original. A. E. M. Souto: Supervisão, Validação, Visualização, e Escrita – revisão e edição.